

Os poetas sabem-no: a vida é um suspiro Mas a fé consegue dar-lhe um sentido

por Julián Carrón

A fugacidade da vida, a transitoriedade do homem, é um dos temas recorrentes na reflexão e na poesia de todos os tempos. «Assim como a linhagem das folhas, assim é a dos homens. Às folhas, atira-as o vento ao chão; mas a floresta no seu viço faz nascer outras, quando sobrevém a estação da primavera: assim nasce uma geração de homens; e outra deixa de existir».¹

É difícil que o homem, cada um de nós, mesmo na distração em que podem acabar os seus dias, escape, mais cedo ou mais tarde, a esta experiência elementar da vida. Israel não foi exceção.

Diz Isaías: «Toda a gente é como a erva e toda a sua beleza como a flor dos campos! A erva seca e a flor murcha [...]. Verdadeiramente o povo é semelhante à erva. A erva seca e a flor murcha».² E o Salmo 90 afirma: «Mil anos, diante de ti, são como o dia de ontem, que passou, ou são como uma vigília da noite, [...] como a erva que de manhã verdeja, como a erva que de manhã brota vicejante, mas à tarde está murcha e seca».³ No Salmo 8, o grande rei David grita: «Que é homem para te lembrares dele?»,⁴ enquanto o Salmo 39 questiona: «Senhor, dá-me a conhecer o meu fim e o número dos meus dias, para que veja como sou efémero. De poucos palmos fizeste os meus dias; diante de ti a minha existência é como nada; o homem não é mais do que um sopro! Ele passa como simples sombra! É em vão que se agita, amontoa riquezas e não sabe para quem ficam».⁵

É tão comum esta experiência de nulidade e de fragilidade, observa Giussani, que representa, de facto, «o primeiro sentimento, o primeiro pensamento refletido que o homem pode ter sobre si mesmo. Somos como folhas ao vento» (ver aqui, p. 25). Não escapam a este sentido de inconsistência última nem sequer as relações entre os homens que, com efeito, «têm o selo desta fragilidade incomensurável; tudo, enquanto o agarram, lhes foge, tudo lhes diz “adeus”» (p. 41).

Mas a um observador atento como Dom Giussani não escapa algo que é irredutível e se furta a esta transitoriedade. Por isso, abre uma fresta na esperança: «No entanto, dentro desta nulidade [...], dentro desta fragilidade incomensurável, dentro desta contingência triste, melancólica, a quilha da nossa embarcação, diz o poeta espanhol Jiménez, “colidiu, lá no fundo, com algo grande”». Esse algo grande é o sentido do destino, mais forte do que a nossa fragilidade. Nesta perspectiva, «o homem é aquele nível da natureza em que a natureza se apercebe do destino, de ser destinada». Mas se esta consciência, «se o que percebemos não derrete e não fermenta, se não vive, se não se desenvolve num organismo, fica como uma bola de chumbo, [...] um corpo estranho dentro desta nossa vida, que já não tem o centro de gravidade» (p. 41).

Não basta, portanto, ter sentido o choque de algo grande para que se isso se torne de forma mecânica o centro de gravidade do eu. É necessário que a nossa vida «sinta o arrepio do ideal, seja atravessada por ele, seja em última instância vencida e por isso determinada por ele». Não basta o já sabido, e constatamos isso assim que observamos as consequências desta postura: «Damos por adquirido que o ideal existe porque acreditamos nele, nos lembramos dele de vez em quando, mas todo o tecido da nossa existência está como que desprovido dele. Assim, o nível dramático da vida, que é a conveniência humana em todos os campos e em todos os sentidos, como a sentimos naturalmente, não tem paz nem, em última instância, letícia». Para Giussani não há paz porque falta «a segurança daquilo pelo qual tudo age e vive»; e não há letícia porque «não se reflecte antecipadamente no presente a felicidade do futuro, do último futuro» (pp. 93-94).

¹ Homero, *Ilíada*, VI, 146-149.

² Cf. Is 40,6-8.

³ Cf. Sal 90,4-6.

⁴ Sal 8,5.

⁵ Cf. Sal 39,5-7.

Todos temos de admitir que temos uma enorme dificuldade «em acolher o ideal no seio da conveniência humana», por medo de perder alguma coisa. Não é assim para Giussani: «Reparem que este acolhimento não implica, *de per se*, deixar nada do que compõe as nossas roupagens humanas, mas é uma revolução pacífica e cheia de letícia, que acontece dentro do próprio sujeito que faz as coisas, a partir do nosso próprio interior» (p. 94).

O que deve acontecer para que a consciência do destino penetre no tecido da nossa existência? Trata-se de um desafio, a partir do momento em que, no contexto atual, «para a maior parte das pessoas, Deus pode ser uma palavra respeitável, mas não tem nenhum nexos com a vida, a não ser, no máximo, com um medo, que o clima cultural de hoje faz de tudo – sendo bem-sucedido – para turvar, para eliminar».

Mas, então, é preciso descobrir «como tornar vivo e, assim, capaz de organicidade, e como reabsorver numa construtividade aquele centro de gravidade que de outra forma seria como um chumbo, dentro de nós, como algo estranho e sem nexos» (p. 43).

Giussani não tem dúvidas sobre o que pode tornar vivo esse centro de gravidade: «É Cristo o encontro que pode tornar orgânico o sentido do destino» (p. 47). O destino, aquilo a que os homens de todos os tempos chamaram de “Deus”, «é algo que aconteceu no mundo. Pensem, é algo que aconteceu, é Alguém que veio, chama-se Cristo!» (pp. 123-24). Para nos fazer entender a graça que é para o homem encontrar Cristo, Giussani convida-nos a olhar para uma figura evangélica que nos é familiar: «Zaqueu era o chefe da máfia, era um dos chefes da camorra, era um rei da violência, daqueles mais ricos de que havia poucos, e era um homem apontado pelos escribas e pelos fariseus como o emblema da desonestidade». Apesar disto, continua Giussani, «Zaqueu tinha curiosidade, estava curioso para ver quem era aquele indivíduo de quem tanta gente falava. Subiu na pequena planta do sicómoro de forma a conseguir vê-lo enquanto passava. E eis a multidão que se aproxima. Cristo está no meio dela e, quando chega perto daquela planta, para e olha-o: “Zaqueu, desce depressa, hoje vou a tua casa”. Imaginem os pensamentos dos homens honestos que o rodeavam para apanhá-lo em falta. “Vendo aquilo, todos começaram a murmurar: ‘Foi hospedar-se na casa de um pecador!’”. Zaqueu levantou-se e disse ao Senhor: ‘Senhor, darei metade dos meus bens aos pobres, e se prejudiquei alguém, vou devolver quatro vezes mais’. Jesus respondeu-lhe: ‘Hoje chegou a salvação a esta casa, porque também este é um filho de Abraão. Com efeito, o Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido’» (pp. 46-47).

Este relato do Evangelho não é uma narrativa do passado; para Giussani, com efeito, fala de nós: Cristo veio por nós, que somos «nada e pecadores»; veio por mim, que sou «nada e pecador. Chamou-me pelo nome, chamou-te pelo nome. [...] No mundo que se move e se torna história, no tempo que passa, há uma Presença que nunca mais ninguém poderá extirpar, nenhum poder poderá calar, e que alcança o homem que o Pai escolhe, e entrega em mãos a Cristo. É Cristo o encontro que pode tornar orgânico o sentido do destino, redimir o sentido do nada e do pecado» (p. 47), como nos lembra o Evangelho: «O Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido».⁶

É o encontro que facilita a experiência de uma familiaridade com o destino, até investir toda a vida com uma novidade única e toda a relação com uma densidade antes desconhecida.

⁶ Lc 19,10.